

O estranho espelho da análise do discurso: um diálogo ¹

Gesualda dos Santos RASIA

Universidade federal do Rio Grande do Sul

Universidade regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul

O diálogo que aqui me proponho a tecer com as reflexões dos professores Vanice e Francisco Paulo, a propósito do texto *L'étrange miroir de l'analyse de discours*, de Michel Pêcheux, será recortado pelo viés da metáfora do espelho, tão significativa nas questões concernentes ao campo epistemológico da Análise do Discurso. A partir dessa imagem sublinho alguns pontos da discussão ora apresentada.

Pêcheux sinalizou para a necessidade de se quebrarem os espelhos, no sentido de se romper com a prática tautológica da referida disciplina, quando a postura de “imbecilidade”, comentada pelo autor e referida aqui pelos professores, permitia ao analista de discurso não ver muito além de seu próprio umbigo. No contexto das mudanças políticas da França dos anos 80 a AD limitava-se a olhar para si mesma, na medida em que legava privilégio ao discurso político, de esquerda, e, além disso, de uma esquerda supostamente ausente de fraturas. Por decorrência de contingências históricas, cumpria então o lugar de militância política. O analista era então imbuído de fazer política e de fazer ciência, simultaneamente. Com isso, apagava-se a especificidade da AD enquanto ciência de interpretação, do que derivou a necessidade apontada por Pêcheux de se buscar o estranhamento que viria a distingui-la, na perspectiva da diferença, da contradição, das retorsões próprias da imagem refletida nos cacos de espelhos.

¹ Debate à conferência apresentada por Francisco Paulo da Silva (UERN) e Vanice Maria Oliveira Sargentini (UFSCar): Análise de discurso político e a política da análise do discurso: o estranho espelho da análise do discurso, no I SEAD, em POA (RS), novembro de 2003.

Decorrência disso a constatação de três aspectos a serem reconsiderados pela AD, na época: 1º) a premência de ela trazer para o interior de suas discussões o que ocupava lugar marginal (o não estritamente político e também o político contraditoriamente posto). 2º) a legitimação da necessária imbricação entre o teórico e o metodológico; 3º) a constatação da contradição como constitutiva da matéria discursiva, rompendo com a supremacia da idéia de homogeneidade.

E, destaque-se, tudo isso fez com que a AD viesse a delinear-se como figura tridimensional, em que o dentro e o fora se confundem e fundem.

Subjacente aos três aspectos apresentados, o ponto nodal que converge para essas questões: o encontro de uma imagem da Lingüística enquanto efeito de garantia de cientificidade estável com seu espelhamento estranho e embaçado, porque desde que a língua é o lugar de incidência do real da história, a ciência que se propõe a estudá-la há que considerá-la enquanto objeto afetado pela contradição.

O princípio da contradição, basilar para a AD, é alvo de desdobramentos específicos, desde que teve esse lugar de demarcação metodológica mais explicitado em Courtine (1981), quando este, tratando do processo de identificação/desidentificação, afirma que tal se manifesta no interior das FDs, as quais não têm fronteiras resguardadas de sua exterioridade. Essa condição da ideologia é produto de uma releitura crítica da própria condição que a história ocupa numa leitura não ortodoxa do Marxismo, a qual concebe a história em sua descontinuidade, e, por conseguinte, impossível de estabilidade.

Resultado dessa constatação, Courtine (id) propõe-se a desconstruir a idéia das ideologias dominadas como simples reflexo inverso da ideologia dominante, na forma espelhar, poderíamos dizer, porque, ao contrário, ambas nascem no mesmo lugar de dominação ideológica, sob a forma de múltiplas falhas e resistências. E disso a motivação de Pêcheux para o prefácio que escreve à obra do autor em questão.

Com relação à imbricação entre o teórico e o metodológico, também é indispensável reconhecer a contribuição das reflexões de Courtine no texto

prefaciado por Pêcheux (...), posto que, se pensada a constituição do corpus de análise a partir do princípio da contradição, ele será necessariamente heterogêneo, não linear e não sincrônico, nem tampouco reportado a si próprio, mas às relações de antagonismo, de alianças, de recobrimento (...) que pode entreter com outros discursos (...)” (Courtine, 1981 : 9).

O lugar sempre ocupado por Pêcheux foi o de quem põe o dedo na ferida, inclusive em relação às suas próprias práticas, o que possibilitou se configurasse a AD uma disciplina em permanente processo de construção.

São esses alguns dos desdobramentos de que se vale a Análise do Discurso que se produz, hoje, no Brasil, os quais possibilitam lugares múltiplos de teoria e análise. Uma questão que vale lembrar, nesse horizonte de expectativa, é que, desde que se ingressa na ordem do discurso, está-se no campo do político, pois a língua e os sujeitos estão desde sempre sujeitos à ideologia. Assim, não há como não estar fazendo política, quer se fale de língua, de gramática, de religião, de gênero, de ciência, e inclusive de política. E importa lembrar, ainda, que esse fazer político será também sempre sujeito à contradição, à refração do real histórico que não escapa ao real de língua, e por isso a importância de se tomar, língua, sujeitos e discursos, em suas descontinuidades.

A fala de abertura do prof. Courtine por ocasião do I SEAD possibilitou-nos novamente um olhar para o estranho espelho da Análise do Discurso, neste momento histórico em que tramamos o tecido que recupera a memória dessa disciplina, ao mesmo tempo em que nos olhamos refletidos nela, na dimensão dos desdobramentos teóricos e dos gestos metodológicos possíveis de se constituir. Tudo isso também sujeito a um estranhamento, peculiar ao contexto de Brasil. Não se trata mais de legitimar a idéia de contradição como condição inerente às CP do discurso e à FD, posto que este é um princípio hoje intrínseco à AD, desde a contribuição de Courtine, que rediscutiu a noção de Condições de Produção do Discurso.

Tais reflexões permitiram que se buscasse, de forma mais explícita, os diferentes modos de articulação do teórico com o metodológico, de apreensão do real histórico, descontínuo, no real de língua, de se pontuar a refração das

ideologias dominadas ante a ideologia dominante. Abre-se também o espaço para se perceber como a lógica dos contrários toma corpo em nossas análises, desde que, como sublinham os professores Francisco e Vanice no pensamento de Courtine, *a alteridade sempre afeta o mesmo*.

E disso tudo, alguns motes para se continuar pensando diferentes possibilidades, das quais destaco uma em um desdobramento que nela percebo que tem me instigado à reflexão enquanto objeto de análise. Inicialmente, uma constatação que suscita uma reflexão: desde que toda FD é intrinsecamente heterogênea, que possibilidades de abordagem se apresentam com relação aos universos que se propõem logicamente estabilizados? De que modo as diferenças se instauram no interior desses discursos e aí produzem sentidos diversos?

As reflexões em torno do texto *L'étrange miroir de l'analyse de discours* particularmente me conduzem a um lugar específico. Penso também num lugar específico, o da gramática, o qual se coloca enquanto efeito de fixação da norma lingüística, e que, numa perspectiva discursiva, a da ciência que é também política, pode e deve ser, o lugar de apreensão do encontro descontínuo entre língua e historicidade, desestabilizando seu lugar impossível de domesticação do lingüístico. Nesse sentido, sua leitura enquanto tecido da memória não pode desconsiderar as condições de produção que subjazem à sua legitimação enquanto monumento, em diferentes momentos históricos, e como, em cada um desses momentos, institucionalizou um determinado discurso sobre a língua. Destaco, a título de exemplificação, um desses momentos, o do Brasil da 2ª República, quando interessava fixar um determinado imaginário de nação, e uma de suas formas de materialização era o que se discursivizava sobre língua e ensino de língua. A gramática figura, então, como lugar nevrálgico na constituição desse imaginário, e não ausente de contradição. Ela constituiu-se, pois, como prática política, enquanto se propunha a prescrever uma língua asséptica, homogênea, mas que não ficou imune à irrupção, em seu próprio interior, das diferenças de língua. Assim, o mote da contradição instiga a pensar os modos como os saberes sobre língua e nação tiveram seu assente no fio do discurso produzido via gramáticas nesse contexto de Brasil.

Bibliografia

PÊCHEUX, Michel. “L’etrange miroir de analys du discours.” Prefácio ao texto de J.J.

Courtine: “Quelques problèmes théoriques et méthodologiques em analyse du discours; à propôs du discours communiste adressè aux chrétiens”. **Langages** (62), Paris, juin 1981.

COURTINE, Jean-Jacques. “Quelques problèmes théoriques et méthodologiques em analyse du discours; à propôs du discours communiste adressé aux chrétiens”. **Langages**, (62):9-127, Paris, juin 1981.

COURTINE. Jean-Jacques. “Mémoire, histoire e langage”. In.: **Langages**, 114, Paris : Larousse, juin, 1994.

RASIA, Gesualda dos Santos. **Os barbarismos lingüísticos e a determinação jurídica no contexto do Estado Novo**. Texto apresentado no III Congresso Internacional da ABRALIN, em março de 2003, no Rio de Janeiro.